



---

[Entrevista] Holofote em: Mark Sedgwick – Sufism in Latin America

Autor: Mark Sedgwick, entrevista e introdução por Ken Chitwood. Tradução por Lucas Oliveira Ribeiro.

Fonte: *Latin America & Caribbean Islamic Studies Newsletter*, Vol. 1, No. 4 (July 2021), pp. 29-35.

---

## Holofote em: Mark Sedgwick – Sufism in Latin America

Entrevista e introdução por Ken Chitwood.

Tradução por Lucas Oliveira Ribeiro.

Enquanto trabalhava em um projeto mapeando o panorama de centros assistenciais islâmicos, mesquitas e organizações na América Latina e no Caribe, comecei a notar comunidades sufistas em lugares inesperados: uma ordem Ni'matullâhî' no México central, um *dargah* (santuário) de pedra na Patagônia, e um ramo da ordem Naqshbandiyya uruguaio sob o nome de Instituto Jabí. Em me deparando com cada uma delas, comecei a perguntar-me que conexões, relacionamentos e momentos levaram à construção dessas localidades e ao estabelecimento de tais comunidades. À medida que comecei a investigar mais as redes e os indivíduos que possibilitaram a fundação dessas *turuq* sufistas, deparei-me com o trabalho de Mark Sedgwick, que conduziu sua pesquisa sobre o sufismo na América Latina em 2008, um ano antes de eu começar a trabalhar no projeto de cartografia em 2009. Sua pesquisa – em certo sentido, um mapeamento em si mesmo – ajudou-me a traçar algumas das redes que estava encontrando e a identificar nódulos desconhecidos em lugares como o Chile e como o Brasil.

De modo geral, a impressão que emergiu de minha leitura do trabalho de Sedgwick, e de minha própria pesquisa, foi a de um xadrez de ideias, de indivíduos e de instituições que conectavam sufistas e outros em uma matriz complexa e entrecruzada que abrangia o Egito e a Argentina, a Turquia e o México, o Irã e o Brasil, o Afeganistão e o Uruguai. Na entrevista que segue – e na literatura fornecida abaixo -, os leitores são convidados a explorar a narrativa intrincada e emaranhada do sufismo na América Latina, que respinga para além dos limites geográficos da região e que conecta essas comunidades com muçulmanos e com outros em todo o globo. Isso serve não apenas como uma introdução para um campo de estudos pouco investigado e pouco apreciado tanto dentro do Islã global quanto da América Latina, mas talvez como uma provocação para que se continue a traçar os fios da pesquisa de Sedgwick onde terminam. Como escreve na seguinte entrevista, a maioria dos grupos sufistas da região “não foram estudados muito detalhadamente” e resta muito a considerar, a apreciar e a entender.

**Você escreveu o capítulo sobre o sufismo na América Latina para o futuro manual sobre o sufismo em contextos ocidentais da Brill, que é a primeira investigação histórica geral sobre esse tópico a jamais existir. Mas, primeiramente, conte-nos um pouco sobre seus interesses investigativos de uma forma mais ampla.**

Trabalho mais com o Islã no período moderno, o que é dizer de cerca da década de 1860 adiante. Normalmente, trabalho com o Oriente Médio e com a Europa, mas interesse-me pela América Latina desde que era um estudante de graduação de história, e, em algum momento, cheguei a considerar fazer um Ph.D. sobre a história econômica da América Latina. Mas, no fim, fiz meu Ph.D. sobre o sufismo no Sudão, no Egito e na Malásia.

Interessei-me pelo sufismo no Ocidente quando um colega italiano me apresentou a alguns sufistas em Milão que pertenciam a uma ordem que estava estudando no Sudão. Aquele encontro com os sufistas milaneses orientou-me a mais sufistas em outras partes da Europa, e, em seguida, nos Estados Unidos. Em 2016, publiquei *Western Sufism: From the Abbasids to the New Age* [Sufismo ocidental: dos abássidas à Nova Era] com a Oxford University Press, em uma tentativa de contar toda a história do relacionamento do Ocidente com o sufismo. Envolveu traçar o sufismo até os abássidas, antes de que algo que se pudesse chamar de “Ocidente” sequer realmente existisse, para mostrar como o sufismo sempre fez parte de uma cultura filosófica geral maior que se estendia para além do Islã. Em 2019, dei um passo adiante, em editando uma coletânea sobre *Global Sufism* com Francesco Piraino, mais uma vez um acadêmico italiano, mas não o que me introduzira ao sufismo ocidental. *Global Sufism* foi publicada pela Hurst, e seu título foi inspirado no excelente *Global Salafism* de Roel Meijer, publicado pela Hurst em 2009.

**Você recentemente investigou movimentos e comunidades sufistas na América Latina. Onde esse interesse começou? Qual foi sua primeira pista de que havia uma narrativa a contar aqui?**

A maioria dos trabalhos sobre o sufismo fora do mundo muçulmano, incluindo a maior parte de meu próprio trabalho, foca o sufismo na América do Norte e na Europa. Quase não há nada sobre o sufismo na América Latina em inglês. Uma exceção são os Murabitun em Chiapas, no México. Durante a revolta zapatista da década de 1990, os Murabitun, um grupo europeu que é de origem sufista, se não o é exatamente, apareceram e começaram a converter pessoas ao Islã, inicialmente com grande sucesso.

Esse evento foi tão inesperado que realmente chamou atenção, incluindo a minha. Aquela foi a primeira vez em que pensei sobre o sufismo na América Latina.

Em seguida, em 2007, encontrei o professor Francisco García Bazán em uma conferência na Alemanha. O professor García Bazán é um filósofo argentino e uma das autoridades líderes da América Latina sobre René Guénon, um filósofo francês que se tornou um sufista e que se mudou para o Cairo, onde morreu em 1951 enquanto xequete Abd al-Wahid Yahya. Dediquei-me muito a Guénon e a seus seguidores, e a sua influência com o passar dos anos, começando com um livro, *Against the Modern World* [Contra o mundo moderno], em 2004, e o professor García Bazán contou-me tudo sobre a recepção dos trabalhos de Guénon na Argentina, uma história fascinante. Decidi então que deveria voltar a esse assunto se jamais tivesse a chance.

Em seguida, em 2018, acabei tendo essa chance, o que é dizer um período sabático e algum financiamento para trabalho de campo. Uma pesquisa em rede revelou múltiplos grupos sufistas em quatro países: Argentina, Brasil, Chile e México. O que não é uma grande surpresa, suponho. Outros países tinham um ou dois grupos, mas nenhum tanto quanto esses quatro. Então lá fui eu.

**Quais são alguns dos aspectos mais surpreendentes e/ou intuitivos do sufismo na América Latina com que se deparou no curso de sua pesquisa? Uma certa comunidade, uma rede particular, um movimento ou um indivíduo específico?**

De muitas maneiras, o sufismo na América Latina de hoje assemelha-se ao sufismo na Europa e nos EUA das décadas de 1970 e de 1980. É, em sua maior parte, um fenômeno para pessoas bem-educadas que se dedicam à busca espiritual, como já fora em Londres e em Nova Iorque. Isso tem mudado recentemente na Europa e nos EUA, uma vez que há agora minorias muçulmanas de origem imigrante bem-estabelecidas e substanciais, e muitos sufistas europeus agora vêm dessas minorias. Isso mudou muito as coisas. As comunidades árabes latino-americanas originais que se começaram a formar durante o século dezenove desintegraram-se em sua maioria, e é certo que muitos imigrantes árabes nem sequer eram muçulmanos para começar. Encontrei apenas um grupo sufista considerável que derive dessas primeiras migrações. Similarmente, tem havido uma migração muçulmana para a América Latina muito menor do que para a Europa e para a América do Norte em décadas recentes, e encontrei apenas um grupo sufista

significativo que derive de migrações atuais. Então, o sufista latino-americano típico é um músico ou um psiquiatra vindo de um cenário que era em certo sentido católico.

A América Latina está muito distante do mundo muçulmano, e conexões com a América do Norte e com a Europa são mais fáceis de muitas maneiras. Com certeza, para o México, são mais os EUA, e para a América do Sul, é mais a Europa. Então, o grupo sufista latino-americano típico é agora aquele que se estabeleceu primeiramente na Europa ou nos EUA, e que então se espalhou para a América Latina. Mas há também alguns casos em que a América Latina não é apenas uma importadora, e as coisas desenrolam-se de uma forma irregular que é particular da região.

O primeiro desses desenvolvimentos particulares relaciona-se ao pensamento de Guénon de que o professor García Bazán me tinha falado. Na Europa e na América do Norte, quando as pessoas começam a ler Guénon, o resultado é mais frequentemente que se tornem sufistas. Isso aconteceu no Brasil, embora, inicialmente, o que emergira tenha sido um grupo ta'i chi em vez de uma ordem sufista. Isso nunca aconteceu em nenhum outro lugar, e ainda não tenho muita certeza do que isso nos diz sobre o Brasil. Mas, no fim, o Brasil conseguiu uma ordem sufista que lia Guénon, localizada em São Paulo e liderada por um certo Olavo de Carvalho. Sim, *aquele* Olavo de Carvalho, o “filósofo” católico que o presidente Bolsonaro tanto admira. Hoje em dia, ele não gosta muito de que as pessoas mencionem seu passado constrangedor de sufista, nem ficou muito contente com um artigo sobre o sufismo e sobre o ta'i chi no Brasil que recentemente publiquei na *Aries*. Na verdade, o presente de Olavo de Carvalho é mais representativo da recepção de Guénon na América Latina do que a ordem sufista de São Paulo o foi. Durante a década de 1930, quando leitores europeus de Guénon se estavam voltando ao sufismo, seus leitores argentinos estavam voltando-se à Extrema-Direita. Muito mais tarde, durante o governo militar, um grupo de católicos em um seminário provincial estava lendo Guénon, liderado pelo padre Alberto Ezcurra Urriburu, mais conhecido por seu antigo papel de líder dos Tacuara, um movimento neofascista. Acabou parecendo que quase preferia o sufismo à Igreja Católica pós-Vaticano II. Explorei isso em um artigo recente em *Politics, Religion & Ideology*.

Um outro desenvolvimento que foi particular da América Latina foi um grupo que começou na Argentina e que depois se espalhou para o Brasil e para a Espanha, chamado

simplesmente de “A Tradição” (La Tradición). Iniciou-se em Buenos Aires como um grupo gurdjieffiano, e então se voltou para o conhecido escritor indo-inglês sobre o sufismo Idries Shah, que encaminhou os gurdjieffianos argentinos a seu irmão mais novo, Omar Ali-Shah, que, por acaso, falava espanhol e que ficou feliz de assumir o grupo. Era conhecido por seus seguidores como “agha” (senhor), e ele e seus seguidores latino-americanos seniores desenvolveram uma prática parcialmente baseada no sufismo e parcialmente baseada no esoterismo ocidental que é um tanto distinta de qualquer outra prática conhecida. Ainda estou trabalhando em um artigo sobre eles.

Aí, finalmente, há o eneagrama, o símbolo que deriva de Gurdjieff na Rússia pré-revolucionária e que agora é usado para tudo, desde o ensino do sufismo a testes de personalidade administrados por departamentos de recursos humanos. Isso passou pelo México e pelo Chile, então pela Argentina via Nova Iorque, em direção à Espanha... uma jornada complicada que explorei em um capítulo de um livro sobre *Esoteric Transfers and Constructions* [Construções e transferências esotéricas] que acabou de sair.

### **Como sua pesquisa contribui para seu trabalho sobre o “sufismo global”?**

Minha pesquisa sobre o sufismo latino-americano está fazendo nosso conhecimento sobre o sufismo global um pouco mais verdadeiramente global! No contexto do livro que mencionei mais cedo, *Global Sufism*, “global” realmente significava “não somente regional”, como fora o caso para *Global Salafism*. Muitos estudos de fenômenos como o sufismo e como o salafismo são puramente regionais, ou, até mesmo, puramente nacionais. Então, era importante que, naqueles dois livros, se olhasse para além do Oriente Médio. Mas nenhum dos dois mencionou a América Latina.

Olhar para a América Latina também permite que se façam mais comparações entre áreas fora do mundo muçulmano para as quais o sufismo se espalhou. O que amaria fazer é acrescentar a Rússia a essa comparação, uma vez que a Rússia também costuma ser deixada de lado. Há uma mesquita sufista muito agradável na Patagônia, e imagino que também haja uma em algum lugar na Sibéria, mas ainda não estou certo de onde.

**O que sua pesquisa sobre o sufismo na América Latina nos diz mais amplamente sobre o “Islã global”? Como muda nossa visão sobre que paisagens, movimentos etc. constituem essa categoria?**

“Islã global” significa Islã maioritário – o Islã em países onde muçulmanos são a maioria – mais Islã minoritário. A isso, acrescentaria o ciberespaço, que já é global. Talvez uma etapa adiante seja o Islã para não muçulmanos? Guénon e alguns outros sufistas, em sua maioria de origem ocidental, acreditam que uma verdade única e perene une todas as religiões em seu cerne. Não iria tão longe, mas quando alguém vê como o Islã esotérico (em sua maior parte, o sufismo) atrai igualmente pessoas de um cenário católico em Buenos Aires e pessoas de um cenário muçulmano em Bagdá, isso é o Islã em seu ponto mais global. É também um argumento para a unidade fundamental de toda a humanidade, apesar do conflito interétnico e sectário que tão frequentemente atormenta o Islã minoritário, de Caxemira e Xinjiang a Paris e a Viena. A América Latina também é um dos poucos lugares onde o Islã *não* é uma questão política muito grande, o que quer dizer que podemos ver o Islã em uma condição diferente.

**Quais são as questões e/ou áreas que gostaria de ver outras pessoas considerarem a partir daqui?**

Uma coisa de que precisamos são estudos etnográficos mais e mais detalhados de grupos sufistas individuais. Alguns estudos assim já existem, frequentemente de acadêmicos latino-americanos e frequentemente não publicados, mas não muitos. Usei aqueles que pude encontrar em meu capítulo sobre o “Sufism in Latin America” no vindouro manual da Brill, que é um inquérito histórico tão bom quanto o pude fazer, mas a maioria dos grupos ali não foram estudados muito detalhadamente.

Também precisamos de estudos de temas particulares, um dos mais importantes dos quais é o gênero. Isso tem sido geralmente negligenciado no estudo do sufismo, de um modo global. Um outro tema é como indivíduos “fazem” o sufismo *do lado de fora* de um grupo sufista. Por razões óbvias, quando estudamos fenômenos religiosos, costumamos ir à mesquita, ao zawiya, à igreja, o que for, e estudar as pessoas naquele contexto. Temos de acompanhar as pessoas a suas casas mais frequentemente, para ver como a religião e a fé, e a prática operam na vida cotidiana. De novo, isso é verdade de um modo global. E tão importante na América Latina quanto em qualquer outro lugar.

**Há algo a mais que gostaria de partilhar com nossa rede (em se lembrando de seu interesse pelo Islã e por comunidades muçulmanas na América Latina e no Caribe)?**

Estou muito contente com que essa rede exista, e muito ansioso pelo que pode fazer! E muito feliz por ter podido partilhar meu próprio trabalho com outras pessoas nessa rede. Obrigado!

**A obra de Mark Sedgwick sobre o sufismo na América Latina:**

“Sufism in Latin America.” In *Brill Handbook on Sufism in Western Contexts*, ed. Marcia Hermansen e Saeed Zarrabi-Zadeh. Leiden: Brill, no prelo.

“Traditionalism in Brazil: Sufism, Ta’i Chi, and Olavo de Carvalho.” *Aries*. Advance Articles (2020) <https://doi.org/10.1163/15700593-20201001>.

“Traditionalism and the Far Right in Argentina,” *Politics, Religion & Ideology* 22, no. 2. Online first (2020) DOI: <https://doi.org/10.1080/21567689.2021.1904909>.

“Sufism and the Enneagram.” In *Esoteric Transfers and Constructions: Judaism, Christianity, and Islam*, ed. Mark Sedgwick e Francesco Piraino. New York: Palgrave, 2021, pp. 219-246.

“Guénonian Traditionalism in South American Literature and Academia.” *International Journal of Latin American Religions*. Online first (2021) <https://doi.org/10.1007/s41603-021-00134-6>.

“The Glocalization of Esotericism: Guénonian Traditionalism in South America.” *Nova Religio*, no prelo.